

O LIXO QUE VALORA A ARTE

Marcia Cristina de Andrade Soeiro
Pesquisadora NCE-UFRJ — Graduada em Informática
soeiro@nce.ufrj.br

Marcos Fialho de Carvalho
Pesquisador NCE-UFRJ — Mestre em Informática
fialho@nce.ufrj.br

Resumo

Este trabalho visou identificar como são tecidas as relações entre a arte e o lixo eletrônico através do trabalho do artista/artesão. Por meio do mapeamento e análise da tecnologia e suas transformações pelo meio e levando em conta a codeterminação entre arranjos técnicos e configurações sociais. Nesta perspectiva, o foco não foi para a tecnologia ou para a sociedade propriamente ditas, mas sim para a teia de relações que são tecidas e através da qual elas se constituem.

Palavras-chave: arte, tecnologia, lixo eletrônico, 3 R's.

Introdução

Pensar sobre tecnologia significa pensar também em novas formas de combater, ou pelo menos minorar, a geração de resíduos tecnológicos que dela advém. A popularização dos computadores pessoais, smartphones e tablets e os avanços tecnológicos implicaram em um aumento na produção e consumo destes eletrônicos. Isso se deve, em parte, à diminuição da vida útil destes equipamentos que em curto período de tempo se tornam obsoletos. O lançamento cada vez mais frequente de equipamentos com novas atualizações e funcionalidades conduz/induz ao descarte dos modelos anteriores que passam de inovação tecnológica a mero lixo tecnológico. Ficando latente em sua matéria seu valor, à espera do dia em que possa ser revelar mediante a ação humana que lhe dará novo valor de uso. Assim alguns elementos readquirem valor mediante resignificação, enquanto outros permanecem “para sempre” desperdiçados.

Baudrillard, desde a sua fase estruturalista, já evidenciava esse caráter perverso baseado na retórica da obsolescência programada:

“Sabe-se ainda que a ordem da produção não sobrevive a não ser ao preço de semelhante extermínio de perpétuo “suicídio” calculado do parque dos objetos, e

que tal operação se baseia na “sabotagem” tecnológica ou no desuso organizado sob o signo da moda.” (BAUDRILLARD, 2014, p. 42).

Daí se extrai que uma sociedade consumista estimula o descarte para que novos produtos, envoltos em novos e diferentes valores de desejo e anseios, possam ser colocados em seu lugar. O sociólogo polonês Zygmunt Bauman autor de inúmeros livros sobre o consumismo, a sociedade de consumo e a cultura consumista, em seu livro *“Vida para Consumo”* discorre sobre as diferentes relações existentes entre a sociedade de consumidores e o produto deste consumo e, segundo ele a *“síndrome consumista” envolve velocidade, excesso e desperdício* (BAUMAN, 2007, p. 111). Com isso uma *“sociedade de consumidores é impensável sem uma florescente indústria de remoção de lixo”* (BAUMAN, 2007, p. 31).

Todavia essa história apresenta outras relações. Neste trabalho buscamos enxergar como ocorre a relação entre o lixo (em nosso caso, o eletrônico) e seu consumidor pelo viés da arte. Para melhor captarmos esta relação buscamos indícios do fio que os conecta em diferentes tecidos no Brasil e no mundo. Documentos referentes à elaboração da Convenção de Basiléia, relacionados à implementação no Brasil da Política Nacional de Resíduos Sólidos e às manobras e estratégias utilizados pelas pessoas em relação aos produtos que consomem quando estes passam de bens de consumos altamente valorados a itens inúteis, velhos e sem qualquer valor.

O lixo, vetor de doenças ou objeto de desejo?

No transcorrer dos séculos viemos passando por diversos e diferentes sistemas de disposição, manuseio e tratamento do lixo. Cada um deles traduzindo as várias e diferentes percepções socialmente e culturalmente construídas e aceitas em seu período de tempo. Desde sua associação às enfermidades, às impurezas e ao pecado e como estigma social (VELLOSO, 2008), até sua vinculação ao seu valor econômico, à sua relevância na redução de impactos sanitários e ambientais e na economia de recursos (EIONET, 2007). Por sua diversidade e riqueza, o lixo transita pelas redes oscilando entre problema e solução. Conforme observado em Marta Velloso (2008, p.1959):

“A tensão entre o valor de mercado e o valor humano permanece, induzindo as diferentes visões sobre o lixo, que variam de acordo com os interesses econômicos – ora o lixo é visto como risco de vida, transmitindo doenças e

causando mortes, ora é considerado como matéria-prima, produzindo e lançando novos produtos no mercado.”

E, enquanto uns simplesmente o descartam, outros concretizam seus anseios artísticos através dele. Segundo Cristina Valente (2012):

“Na discussão da permanência de um valor (econômico ou humano) naquilo que por definição não tem mais valor, encontramos também um tempero cultural na utilização do lixo como tema e como material por vários artistas”.

Afinal, a arte sempre esteve ligada ao ser humano, tornando possível o registro estético de costumes e visões de mundo. Segundo Vasconcellos (2006) “a arte é, antes de tudo, parte da identidade cultural e reflete o embate do indivíduo com a realidade circundante”.

O Tratado da Convenção da Basiléia

Durante a década de 1980 era comum o comércio tóxico de lixo de países industrializados para países em desenvolvimento e para a Europa Oriental. Quando esta atividade tomou fluxo e o tráfego desses resíduos aumentou sem nenhum controle, surgiu a adoção da Convenção da Basiléia que trata do Controle de Movimentos Transfronteiriços de Resíduos Perigosos e Disposição Final. Este tratado foi idealizado no início de 1981 sob a influência do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) na reunião de Montevideu de Peritos em Legislação Ambiental. Após as diretrizes do Cairo, seu texto foi finalizado após aclamação pública contra a indiscriminada transferência de resíduos entre países. Uma conferência diplomática em Basel, na Suíça adotou a Convenção, porém, somente em 1992 entrou em vigor e se tornou um documento internacionalmente reconhecido. O Brasil foi um dos países que participou destas discussões, e confirmou sua permanência como integrante da convenção, através do Decreto 875/1993, comprovando assim seu interesse em ações ambientais seguras.

A Política Nacional de Resíduos Sólidos

No Brasil, a Política Nacional de Resíduos Sólidos — PNRS, tem como prioridade a redução do volume de resíduos sólidos urbanos coletados, através da sua (re)valorização como insumo de produção e da sua disposição ambiental e social adequada, aliada a mecanismos de coleta seletiva e reciclagem com inclusão social de catadores. Entre estes resíduos temos os oriundos de equipamentos eletroeletrônicos que se destacam

por seu crescimento e pela especificidade dos materiais que os compõem. Esses materiais contêm componentes que demoram a se decompor ou elementos altamente tóxicos e poluentes que podem contaminar o ambiente e as pessoas que com eles lidam. Além de apresentarem materiais de significativo valor econômico, pela raridade de alguns elementos que deles podem ser extraídos, cuja reciclagem (*urban mining*) é, na maioria das vezes, economicamente mais viável do que a extração e processamento do minério bruto.

A Responsabilidade Estendida do Produtor

A Responsabilidade Estendida do Produtor — REP, pode ser entendida como uma abordagem política ambiental em que a responsabilidade do produtor é estendida para a fase de pós-consumo do ciclo de vida de um produto. Uma política de REP é caracterizada pela transferência de responsabilidades física e/ou econômica, de forma total ou parcial, dos municípios para o produtor; e pela concessão de incentivos aos produtores para que considerem os fatores ambientais na concepção de seus produtos. Desta forma os produtores são incentivados à reprojeter seus produtos para o meio ambiente. Essa mudança, além de reduzir os custos de gestão de resíduos, pode também vir a reduzir o uso de materiais e aumentar a reutilização de produtos e reciclagem. Ela é também o conceito que norteia a maioria das iniciativas governamentais a respeito da gestão do lixo eletrônico.

Entre Acrônimos e Letras

Durante a construção, implementação e consolidação, no Brasil e no mundo, de referentes aos resíduos gerados e sua gestão, redes foram sendo construídas e mantidas enquanto outras foram rompidas. Uma delas se constituiu como o elemento técnico composto por um agregado temático heterogêneo de actantes, onde pudemos observar representantes do governo, das empresas, dos modelos de logística reversa etc. Através de um processo de “engenharia heterogênea”, partes do social, do técnico, do conceitual, do textual, foram conjugadas e, convertidas, “traduzidas” ou “transladadas” em produtos (por sua vez também heterogêneos) negociados no interior deste ator-rede. Isto resultou na extinção dos lixões e na proposição de uma modelagem específica para a logística reversa que trataria das responsabilidades compartilhadas pelo poder público,

fabricantes, importadores, distribuidores e comerciantes, que deveriam responder por todo o ciclo de vida do produto e criar um sistema para coletar e reciclar esse resíduo. No entanto, ainda hoje não está definida a legislação específica para esse descarte e, assim, um volume expressivo de lixo eletrônico ainda não tem a adequada destinação.

O lixo pelos olhos do artista

Artistas, artesãos, designers, engenheiros e profissionais das mais diversas áreas encontram no lixo a inspiração e a matéria prima de sua arte e produzem trabalhos inesperados e sustentáveis que chamam atenção, não só pela criatividade, como também pela inusitada utilização de materiais aparentemente inúteis e sem valor. Placas de circuitos queimadas, restos de aparelhos eletrônicos, chips velhos, pedaços de fios coloridos etc., tem nova destinação pela ação de pessoas que ao buscarem inspiração na sua relação com o entorno ambiente e no conceito e prática dos 3 R's (Reduzir, Reutilizar e Reciclar) minimizam a necessidade por novos materiais e recolocam no ciclo de vida produtivo materiais velhos e descartados.

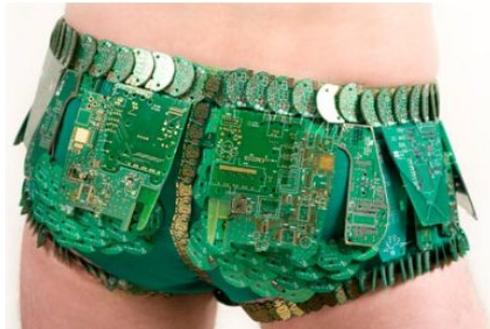


Figura 1: A inusitada criação de Emiko Oye, ganhou o nome de "Controle Populacional". (Fonte: www.ecodesenvolvimento.org/noticias/aparelhos-eletronicos-descartados-ganham-nova-vida).

Para tentarmos enxergar como são tecidas estas relações e identificar as formas de participação e intervenção adotadas nos processos que transmutam os resíduos eletrônicos por meio da arte, aplicamos um questionário distribuído eletronicamente a 12 (doze) artistas identificados como representantes desta “arte”/“ofício”, divididos da seguinte forma: 8 (oito) brasileiros e 4 (quatro) estrangeiros; 7 (sete) homens e 5 (cinco) mulheres. Até a escrita final deste artigo, apenas 3 (três) responderam ao e-mail, sendo 2 (dois) artistas brasileiros (1 (um) do sexo feminino e 1 (um) do sexo masculino) e 1 (um)

artista estrangeiro (norte-americano) do sexo feminino. Conheceremos agora um pouco sobre estes artistas.

Amanda Preske



Amanda tem 28 anos é Bacharel em Química pelo Rochester Institute of Technology e PhD em Química pela University of Rochester e seu interesse pela arte vem desde que teve idade para segurar um lápis de cor. Ela começou a criar suas joias aos 12 anos e aos 14 montou o seu próprio negócio com joias artesanais. O lixo eletrônico surgiu como oportunidade quando seu irmão não conseguiu consertar um computador. O resultado a agradou tanto que começou a vendê-las em feiras de artesanato e online. Hoje ela consegue os componentes eletrônicos de universidades, centros de reciclagem, lojas de reparo de computadores, amigos, familiares e outros artistas que sabem do seu trabalho e lhe dão seus aparelhos eletrônicos quando precisam se desfazer deles. Amanda tem reservas quanto a ensinar seu trabalho para outras pessoas, pois o lixo eletrônico é bastante tóxico. Em relação à carreira que escolheu ela nos fala que:

“I have a PhD and was about to become a research scientist. I could have made a lot of money and had a really respectable job doing that, but I wanted to be an artist, so I made a huge shift in my career. Many people are surprised to find out I have a doctorate and say that I've wasted my degree. What they don't understand is that I value being happy and independent. I'm doing just fine, and making tons of money is not the way to be happy.”

Paulo Nenflidio

Paulo tem 40 anos é formado em Artes Plásticas pela ECA – USP e em eletrônica pela ETE Lauro Gomes. Ele é um artista sonoro e suas obras são esculturas, instalações, objetos, instrumentos e desenhos. Som, eletrônica, movimento, construção, invenção, aleatoriedade, física, controle, automação e gambiarra são presentes na sua obra. Seus trabalhos se parecem com bichos, instrumentos musicais ou com

máquinas de ficção científica. Em 2003 participou da residência artística Bolsa Pampulha em Belo Horizonte tendo realizado a obra Música dos Ventos. Recebeu em 2005 o Prêmio Sérgio Motta de Arte e Tecnologia por trabalho realizado. Em 2009 realizou residência artística no ASU Art Museum no Arizona tendo produzido uma individual durante o período de residência. Participou da 7ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul e da mostra Paralela 2010. Recebeu em 2011 o Prêmio CNI SESI Marcantonio Vilaça Artes Plásticas e em 2013 o Prêmio Funarte Marcantonio Vilaça. Paulo é um dos artistas que participou do grupo "Os gambiólogos". Sobre o lixo eletrônico, Paulo diz que: *"Prefiro o termo sucata no lugar de lixo. Entendo por lixo, algo que não pode ser reaproveitado de forma alguma, enquanto que sucata pode"*. A ideia de reciclagem não é um tema relevante em sua obras, apesar de já ter aproveitado sucata em algumas obras. Quando precisa de componentes eletrônicos ele os compra na região da Santa Efigênia no Centro de SP. O que não encontra lá, importa da China pelo Ebay. Outros materiais adquire em lojas de materiais de construção, madeireiras etc.

Kláu Brentano



Cláudia nasceu em 1973 na cidade de Porto Alegre, é arte-educadora com pós-graduação em educação inclusiva, tem um atelier de artes onde propõe as Oficinas de Artes nas Férias, o Atelier na Rua e o *Painting Party*. Além disso, é professora contratada da rede estadual de ensino. Atua em projetos de educação em comunidades carentes ligadas à

Universidade Feevale. Suas telas, principalmente no início eram "*matélicas*", técnicas mistas e, com o contato permanente com sucatas e componentes eletrônicos vindos do trabalho do seu marido em uma empresa de informática, as ideias e os elementos foram se agregando. Assim Kláu têm o material até hoje. Ela tem um projeto que ainda está em construção para que com os componentes eletrônicos descartados, se misture instalação, performance, teatro, artes visuais e que tudo isso aconteça na rua, com acesso para todos. Além disso, tem colegas de formação que possuem atelier que usam descarte de

empresas do ramo coureiro calçadista e que pesquisam sustentabilidade, reciclagem, arte e moda e assim trocam ideias e materiais. Segundo Káu:

“O Lixo eletrônico não é a base dos meus rendimentos, mas ele representa uma alternativa de fazer arte e conscientizar sobre meio ambiente, descarte, tecnologia, trabalho em equipe, velocidade do mundo, relações e muito mais. Tem uma riqueza incrível e dá possibilidades infinitas aos educadores.”

BIBLIOGRAFIA:

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias.**

Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. 199p.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo.** Lisboa: Edições 70, 2014. 272p.

EIONET (European Topic Centre on Sustainable Consumption and Production). **Waste Prevention.** 2008. Disponível em: scp.eionet.europa.eu/themes/waste/prevention/. Acesso em: 28/09/2016.

VALENTE, C. **O lixo nosso de todo dia: longe dos olhos...** In: Anais do VI Congresso em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (Scientiarum Historia VI). HCTE / Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

VASCONCELLOS, S.T. **A Diversidade Cultural e o Ensino da Arte.** In: *Anais do IV Fórum de Pesquisa Científica em Arte.* p. 190-6, 2006.

VELLOSO, M.P. **Os restos na história: percepções sobre resíduos.** Ciência e Saúde coletiva. Rio de Janeiro, 13(6):1953-64, 2008.